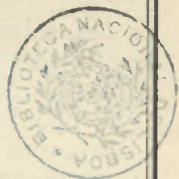


H. J. 4590

70

A DUPLA ALLIANÇA
CONTRA
A TRIPLICE ENTENTE.



68783

POR

JAMES M. BECK

(OUTRORA SUB PROCURADOR GERAL DOS ESTADOS UNIDOS
DA AMERICA).

Este artigo faz parte da obra intitulada "The evidence in the case" e é publicado por especial favor do autor, dos Senrs. G. P. Putnam's Sons, e dos proprietarios do "New York Times."

EYRE & SPOTTISWOODE, LTD.,
LONDRES.

1915.

A CAUSA DA DUPLA ALLIANÇA CONTRA A TRIPLICE ENTENTE.

Debatida por JAMES M. BECK, outrora sub procurador
Geral dos Estados Unidos da America.

Supponha-se que neste anno de des-graça, de mil novecentos e quatorze existia, como fazemos votos para que um dia venha a existir, um supremo tribunal da civilização, perante o qual as nações soberanas podessem litigar as suas differenças, sem recorrer ao iniquo e menos efficaz appello á arbitragem das armas.

Supponhamos ainda que cada uma das nações antagonistas possuía uma certa dóse de fermento de christianismo para fazer julgar os seus aggravos não pela ethica do canhão ou do fuzil, mas sim pelo eterno criterio da justiça.

Qual seria a sentença desse augusto tribunal?

Toda a discussão dos meritos ethicos desta grande controversia deve ser iniciada sob a presumpção de que existe uma coisa que se chama moralidade internacional.

Este axioma fundamental sobre o qual se apoia necessariamente toda a base da civilização, é rejeitado por uma pequena classe de pervertidos intellectuaes.

Alguns destes sustentam que as considerações moraes devem ser subordinadas quer ás necessidades militares quer ao chamado destino manifesto. É esta a doutrina Bernhardi.

Outros ensinam que a guerra é uma fatalidade benefica e que todas a nações nella envolvidas se acham portanto igualmente justificadas. Por esta theoria, todas as nações ora em contendação são apenas victimas de uma corrente irresistivel de acontecimentos, sendo o mais elevado dever do estado o de preparar-se para o exterminio systematico, quando necessario, de seus vizinhos.

Não obstante os habeis logares communs com que ambas estas doutrinas são mascaradas, todos os espiritos são moralmente, se acham concordês em que esta guerra é um grande crime contra a civilização e que a unica questão a decidir, é qual dos dois grupos antagonistas de potencias seja o moralmente responsavel por esse crime?

Estava a Austria justificada em declarar guerra contra a Servia?

Estava a Allemanha justificada em declarar guerra contra a Russia e França?

Estava a Inglaterra justificada em declarar guerra contra a Allemanha?

Como o ultimo destes quesitos é o mais facil de solucionar. Vamos tratar d'elle em primeiro logar.

JUSTIFICAÇÃO DA INGLATERRA.

A justificação da Inglaterra baseia-se sobre o solemne tratado de 1839, pelo qual a Prussia, a França, a Inglaterra, a Austria, e a Russia “se tornaram fiadores” da “neutralidade perpetua” da Belgica, segundo foi reafirmado pelo Conde Bismarck ao tempo chanceller do imperio allemão, em 22 de Julho de 1870, e ainda mais recentemente reafirmado no facto sensacional revelado no “livro cinzento” da Belgica.

Na primavera de 1913, achava-se em progresso um debate na commissão orçamentaria do Reichstag com referencia ao orçamento militar. No decurso do debate, o secretario de estado da Allemanha disse :

“A neutralidade da Belgica acha se determinada por convenções internacionaes e a Allemanha está resolvida a *respeitar estas convenções.*”

Para confirmar estas solemnes declarações, o ministro da guerra accrescentou no mesmo debate :—

“A Belgica não desempenha papel algum na justificação do plano allemão de reorganização militar. O plano achase justificado pela posição das circumstancias no Oriente. *A Allemanha não perderá de vista o facto que a neutralidade belga está garantida por tratados internacionaes.*”

Um anno depois, em 31 de Julho de 1914, Herr von Below, Ministro allemão em Bruxellas, assegurou ao ministerio do reino belga que sabia de uma declaração que o chanceller allemão havia feito em 1911, no sentido de que “a Allemanha “ não tinha tenções de violar a nossa neutralidade,” e que elle estava certo que os sentimentos que haviam sido exprimidos ao tempo *não haviam mudado.* (Veja-se o livro cinzento belga, Nos. 11 e 12.)

Parece desnecessario discutir a frivola desconsideração por estas solemnes obrigações e protestos, quando o actual chanceller do imperio allemão, no seu discurso ao Reichstag e ao mundo em 4 de Agosto de 1914, admittiu com franqueza que a acção da machina militar allemã ao invadir a Belgica era uma injuria. Disse elle :

“Estamos agora em uma situação de necessidade e a necessidade não conhece leis. As nossas tropas occuparam o Luxemburgo e talvez se achem já em territorio belga. *Senhores, isto é contrario aos dictamens do direito internacional.* É facto que o governo francez declarou em Bruxellas que a França está disposta a respeitar a neutralidade da Belgica, uma vez que o seu adversario a respeite. Sabiamos porem, que a França se achava prompta para a invasão. A França podia esperar, mas nós não podiamos esperar. Um movimento francez sobre o nosso flanco no baixo Rheno poderia ter sido desastroso. Fomos por tanto forçados a passar por cima dos justos

protestos dos governos luxemburguez e belga. *O agravo, com franqueza o digo, que estamos commettendo, procuraremos reparal-o logo que tivermos attingido o nosso objectivo militar. Todo aquelle que como nós ameaçado, como se acha e está combatendo pelas possessões de mais importancia, só pode ter uma preocupação e é a abrir caminho.*"

Esta defeza nem sequer é uma justificação de confissão e evasão. É uma confissão de "culpado" no banco dos reus do mundo. Tem um merito, o de não addicionar ao crime a circumstancia aggravante da hypocrisia. Virtualmente apoia a causa da Allemanha pelo evangelho de Treitschke e Bernhardi, de que toda a nação tem o direito legitimo de exercer a sua força physica até ao maximo em defeza de seus interesses egoistas. Este evangelho não offerece novidade. O seu unico aspecto surprehendente é a sua reaparição no seculo vinte. Foi ensinado mais efficaçmente por Machiavelli no seu tratado, "O principe," no qual glorificava a politica de Cesare Borgia calcando aos pés os estados mais fracos da Italia por meio de desapiedado terrorismo, ferocidade desenfreada e a mais vil decepção. Pode na verdade dizer-se que a destruição da Belgica, por simples perversidade, é nada menos do que o Borgismo amplificado milhares de vezes pelos recursos mechanicos da guerra moderna.

A menos que a nossa orgulhosa civilização seja apenas um finissimo verniz sobre o barbarismo; a menos que o direito do mundo seja de facto apenas a ethica da espingarda e a consciencia do canhão; a menos que a humanidade depois de innumeraveis seculos não tenha progredido realmente na moralidade politica, alem da dos troglodytas, neste caso a resposta da Allemanha não pode satisfazer o "respeito honesto pelas opiniões da humanidade." A contestação da Allemanha de que um tratado de paz é "um pedaço de papel," que se pode atirar para a margem quando convenha aos interesses egoistas de uma das partes contractantes, é a negação de tudo aquillo que a civilização representa.

A Belgica foi crucificada á face do mundo. A sua innocencia de toda a offensa até ser atacada, é por demais clara para contestação. A sua immolação voluntaria por guardar a sua solemne garantia de neutralidade "pleiteará como os anjos com voz de trombeta contra a profunda condenação de sua privação." Sobre essa questão de facto o supremo tribunal não teria motivo para duvida ou hesitação. A sua sentença teria sido expedita e inexoravel.

UMA GUERRA DE DIPLOMATAS.

As duas questões de facto restantes, acima referidas, não são tão simples. De principio e talvez exclusivamente a questão ethica versa sobre os factos levantados pelas communicções que

se trocaram entre as diversas chancellarias da Europa na ultima semana de Julho, pois é a estupenda feição desta maior de todas as guerras o ter sido precipitada por diplomatas e, assumindo que todos os diplomatas sinceramente desejavam uma solução pacifica das questões levantadas pelo ultimatum austriaco (o que de modo algum está claro), foi o resultado de diplomacia inefficaz e pode mesmo dizer-se de diplomacia torpe.

Comprehendo perfeitamente a distincção entre as causas immediatas de uma guerra e as causas anteriores e mais fundamentaes; todavia, com o mundo em estado de paz do verão, em 23 de Julha de 1914 precipitou-se subitamente uma questão affectando gravemente a integridade de nações e o equilibrio do poder na Europa por meio do ultimatum austriaco e apoz isto e pelo espaço de cerca de uma semana trocou-se uma serie de communicações diplomaticas entre as chancellarias europeas, com o pretexto ostensivo de evitar uma guerra e comtudo tão inefficazes que a guerra foi precipitada e o terrivel Rubicon atravessado antes do mundo estar ao facto, excepto de uma forma imperfeita, da natureza das differenças entre os governos envolvidos. Os aspectos ethicos deste grande conflicto devem depender extensamente dos dossiers que tem sido creados pelas communicações officiaes, que portanto podem ser tratados como *depoimentos* documentarios em um caso litigado.

Uma parte substancial destes dossiers se acha já perante o tribunal da opinião publica nos "livros brancos" inglez e allemão e o "livro laranja" russo, sendo o objecto deste artigo discutir qual a sentença que um tribunal imparcial e despreocupado pronunciaria sobre as questões levantadas e o depoimento assim submettido.

A SUPPRESSÃO PELA ALLEMANHA E AUSTRIA DE DOCUMENTOS DE IMPORTANCIA VITAL.

Em primeiro logar, um tribunal desta natureza ficaria profundamente impressionado não só pelo que um dossier d'esta forma feito, revelaria, *mas tambem pelas omissões significativas de documentos que se sabe existem.*

A defeza official da Inglaterra e da Russia não mostra aparentemente omissão alguma de parte de uma ou outra em submeter todos os documentos em seu poder, mas o "*livro branco*" allemão *lojo de per si revela a supressão de documentos de importancia capital e emquanto á Austria, por ora ainda não submetteu evidencia documentaria alguma em seu poder.*

Sabemos pelo "*livro branco*" allemão, quando mesmo o não tivessesmos concluido como materia de irresistivel deducção, que muitas e importantes communicações passaram durante esta crise, entre a Allemanha e a Austria sendo provavel que tambem tenham sido trocadas algumas communicações entre aquelles dois paizes e a Italia. A Italia apezar de sua posição embaraçosa deve

ao mundo uma explicação cabal. O que provavelmente semelhante explicação revelaria acha-se demonstrado pela sua determinada conclusão que os seus alliados tinham encetado uma guerra *aggressiva*, o que a desligava de qualquer obrigação para com a triplice alliança.

O facto de terem sido trocadas communicações entre Berlim e Vienna cujo texto nunca foi revelado, não é assumpto de conjectura. A Allemanha admitte e assevera, como parte de sua defeza, ter fielmente exercido a sua influencia mediadora junto a Austria, mas semelhante influencia mediadora não se acha revelada por nenhum resultado practico de tal influencia, COMO TAMBEM O TEXTO DESTAS COMMUNICAÇÕES VITAES SE ACHAM AINDA GUARDADOS NOS ARCHIVOS SECRETOS DE BERLIM E VIENNA.

Por exemplo, na desculpa official da Allemanha, menciona-se que, a despeito da recusa da Austria em acceptar a proposta de Sir Edward Grey de tratar a resposta da Serbia "como base para novas conversações." :—

" nós (Allemanha) continuámos com esforços mediadores até ao *maximo possivel* e avisámos Vienna para que entrasse em qualquer transigencia possivel compativel com a dignidade da monarchia.*

Bastava para infundir maior convicção que o ministerio dos negocios estrangeiros allemão ao apresentar outros documentos diplomaticos, tivesse accrescentado o *texto* do conselho que como acima dizem, elle havia dado a Vienna.

A mesma significativa omissão encontra-se quando a dita defeza official declara que em 29 de Julho o governo allemão avisára a Austria "que começasse as conversações com o Snr. Sazonoff." Mas tão pouco aqui se encontra o *texto* entre os documentos que o ministerio do negocios estrangeiros allemão havia dado á publicidade. As communicações trocadas entre aquelle ministerio e os seus embaixadores em S. Petersburgo, Paris e Londres, vem mencionadas *in extenso*, mas entre as vinte e sete communicações appensas á defeza official allemã torna-se altamente *significativo* que não se dê uma *unica communicação* das muitas que passaram de Berlim para Vienna e apenas uma que passou de Vienna para Berlim, o que por certo não pode ser um acaso. A Allemanha entendeu ser prudente lançar o veu do segredo sobre o texto as suas communicações para Vienna, emquanto que ao mesmo tempo finge mencionar o contheudo de algumas dellas.

Emquanto á Allemanha não se mostrar disposta a pôr em evidencia os documentos mais importantes em seu poder, não deve ficar admirada se o mundo, lembrando-se da mutilação por Bismarck, do despacho de Ems, que precipitou a guerra Franco-Prussiana, se mantenha incredulo sobre a sinceridade dos esforços mediadores da Allemanha.

* Livro branco allemão.

A CAUSA DA AUSTRIA CONTRA A SERBIA.

A discussão dos agravos da Austria contra a Serbia transportar-nos-hia para fóra dos archivos documentarios e para dentro do circulo dos factos em contestação expandindo esta discussão muito alem de uma extensão razoavel.

Supponhamos portanto *arguendo* que o nosso tribunal imaginario começava por tomar em consideração a presumpção de que a Austria tinha agravo justo contra a Serbia e que o assassinato do Archiduque em 29 de Junho de 1914, embora de facto commettido por cidadãos austriacos com sympathias pro-serbias em territorio austriaco, teve a sua inspiração e fomento nas actividades politicas quer do governo serbio ou de organizações politicas d'aquelle paiz.

A questão a decidir seria então, não se a Austria tinha um agravo justo contra a Serbia, mas sim se tendo em vista as obrigações que a Austria, em commum com todos os outros paizes, deve á civilização, estava procedendo de forma correcta para a reparação de seu agravo.

O SEGREDO DOS PLANOS DA DUPLA ALLIANÇA.

Em 28 de Junho de 1914, o principe herdeiro da corôa da Austria foi assassinado em Serajevo. Passou-se quasi um mez até que a Austria se movesse, não tendo feito declaração alguma das suas intenções. O mundo sympathisou profundamente com a Austria neste seu novo pezar e especialmente com o seu idoso monarcha que como o Rei Lear, estava "tão cheio de pezares como de annos e acabrunhado por ambos."

O governo serbio havia formalmente desmentido toda e qualquer cumplicidade no assassinato, e tinha-se obrigado a punir qualquer cidadão serbio implicado no mesmo.

De tempos a tempos, de Junho 28 a 23 de Julho chegavam avisos semi-inspirados, de Vienna de que o paiz tencionava proceder com grande continencia e pela forma mais pacifica. Jamais sequer se chegou a fazer a mais leve allusão a que a Allemanha e a Austria se achavam prestes a applicar a mecha ao paiol de polvora da Europa no meio de profunda paz.

Demonstra-se isto de uma forma muito notavel no "livro branco inglez" pela primeira carta de Sir Edward Grey a Sir H. Rumbold, com data de 20 de Julho de 1914. É um dos documentos mais notaveis em toda a correspondencia. Pela epoca em que esta carta foi escripta é inteiramente provavel que o ultimatum arrogante e fóra de toda a razão, da Austria, ja tivesse sido estudado e approvedo em Vienna e possivel é tambem, em Berlim e contudo Sir Edward Grey, o ministro dos negócios estrangeiros de um grande paiz amigo, tinha tão pouco conhecimento da politica da Austria que elle

"perguntou ao embaixador allemão hoje (20 de Julho) se elle tinha tido algumas noticias do que se estava

passando em Vienna com referencia a Serbia. O embaixador allemão respondeu 'que não tinha, mas que certamente a Austria ia tomar algumas providencias.'

Sir Edward Grey accrescenta que elle dissera ao embaixador allemão que tinha conhecimento que o conde Berchtold, ministro dos negocios estrangeiros austriaco,

"ao fallar com o embaixador italiano em Vienna, arredara a ideã de que a situação fosse grave, mas disse que tinha que ser esclarecida."

O ministro allemão replicou então que seria para desejar "que a Russia podesse agir como medianeira com referencia "a Serbia" de forma que a primeira suggestão da Russia desempenhar o papel de apaziguador veiu do embaixador allemão em Londres. Sir Edward Grey accrescentou depois que havia dito ao embaixador allemão que elle

"dava por entendido que o governo austriaco nada faria sem que primeiro revelasse ao publico a sua causa contra a Serbia, presumivelmente fundado sobre o que elles tinham descoberto no julgamento,"

e que o embaixador allemão assentira a esta presumpção.*

Ou o embaixador allemão estava então illudindo Sir Edward Grey pela theoria que a verdadeira funcção de um embaixador é "mentir pelo seu paiz," ou o raio ia ser lançado com tanto segredo que nem mesmo o embaixador allemão em Inglaterra sabia do que estava em andamento.

O embaixador inglez em Vienna diz no seu relatorio a Sir Edward Grey:—

"A entrega em Belgrado em 23 de Julho de uma nota á Serbia foi precedida por um periodo de *silencio absoluto* no Ballplatz."

Passa a dizer que, com excepção do embaixador allemão em Vienna—note-se a excepção—nem um unico membro do corpo diplomatico sabia de coisa alguma do ultimatum austriaco e que o embaixador francez quando elle visitou o ministerio dos negocios estrangeiros austriaco, em 23 de Julho não só ficou sem ser informado que o ultimatum tinha chegado a ser mandado, mas deram-lhe a entender que era moderado em theor. Nem o proprio embaixador italiano foi admittido á confidencia do conde Berchtold.†

FOI A ALLEMANHA SABEDORA OU INSPIRADORA DO ULTIMATUM?

Nesta altura suggere-se a interessante e importante questão se a Allemanha teve conhecimento e de antemão deu approvação ao ultimatum austriaco. Se o fez, tornou-se culpada de

* Livro branco inglez, No. 1.

† Despacho de Sir M. de Bunsen a Sir Edward Grey, com data de 1 de Setembro de 1914.

duplicidade pois que o ministro allemão em S. Petersburgo affirmou expressamente ao ministro dos negocios estrangeiros russo que—

“o governo allemão não teve conhecimento do texto da nota austriaca antes de ella ser entregue e que nenhuma influencia exercera no seu contheudo. É um engano attribuir a Allemanha uma attitude ameaçadora.”*

Esta declaração é inherentemente improvavel. A Austria era a mais fraca das duas alliadas e a Allemanha é que estava arrastrando o sabre á face da Europa. Evidentemente a Austria não poderia ter procedido a extremas medidas, o que como era reconhecido desde o principio antagonizaria a Russia, a menos que tivesse o apoio da Allemanha e ha probabilidade, que chega a ser quasi certeza moral, que ella não se teria compromettido assim como a Allemanha perante a possibilidade de uma guerra Europea, sem primeiro consultar a Allemanha.

Mais ainda, temos o testemunho de Sir M. de Bunsen, embaixador inglez em Vienna, que avisou Sir Edward Grey que tinha tido “informações privadas que o embaixador allemão (em Vienna) era sabedor do texto do ultimatum á Serbia antes de ter sido despachado e o havia telegraphado ao imperador allemão,” e que o proprio embaixador allemão “o approva palavra por palavra.”† Como não revela a fonte da sua “informação privada,” este testemunho de per si não seria convincente, mas ao examinarmos a defeza official allemã no livro branco allemão, vemos que o ministerio de negocios estrangeiros allemão admite que fôra consultado pela Austria antes do ultimatum e não só approvara a acção da Austria, mas litteralmente lhe dera carta branca para proceder.

Este ponto parece tão importante para se determinar a sinceridade da attitude e protestos pacifistas da Allemanha que o citamos *in extenso*. Depois de referir-se aos previos attrictos entre a Austria e a Serbia, diz o livro branco allemão :—

“Em vista destas circumstancias a Austria teve que admittir que não seria compativel quer com a dignidade quer com a propria conservação da monarchia contemplar por mais tempo as operações do outro lado da fronteira sem tomar medidas. O governo austro-hungaro avisou-nos deste aspecto da situação e pediu-nos o nosso parecer sobre o assumpto. Pudémos assegurar á nossa alliada o nosso mais cordial accordo com o seu modo de encarar a situação e de que quaesquer medidas que ella pudesse considerar necessario tomar para pôr termo ao movimento da Serbia contra a existencia da monarchia austro-hungara receberia a nossa approvação. Estavamos bem ao facto neste sentido que quaesquer movimentos bellicos da parte da Austria-Hungaria contra a Serbia trariam a Russia a campo e poder-nos-hiam arrastar a uma guerra em virtude dos nossos deveres de alliado.”

* Livro laranja Russo No. 18.

† Livro branco inglez No. 95.

O testemunho digno de credito de Sir M. de Bunsen é ainda mais confirmado pelo facto de que o embaixador britannico em Berlim, na sua carta da 22 de Julho a Sir Edward Grey, affirma que na *noite precedente* (21 de Julho) elle se encontrara com o secretario allemão de estado dos negocios estrangeiros e se fizera uma allusão a uma acção possivel da Austria.

“Sua Excellencia era evidentemente de opinião que este passo da parte de Austria já a esta hora teria sido tomado. Insistiu que o caso em questão era para solução entre a Serbia e a Austria sómente e que não haveria intervenção de fóra nas discussões entre aquelles dois paizes.”

Accrescenta que conquanto elle tivesse considerado como desacertado que o seu paiz se approximasse da Austria sobre este assumpto, elle—

“em diversas occasiões em conversação com o ministro serbio frizara a extrema importancia de que as relações austro-serbias fossem collocadas em um pé conveniente.”*

Temos aqui a primeira declaração da posição da Allemanha no assumpto, posição que acontecimentos subsequentes mostraram ser inteiramente insustentavel, mas á qual a Allemanha adheriu tenazmente até ao ultimo extremo e que muito fez com que se precipitasse a guerra. Esquecendo a solidariedade da civilização europea e o facto que por politica e relações diplomaticas continuadas atravez de varios seculos existe um estado europeo unido, embora a sua organização esteja ainda em principios, foi de parecer que fosse dada permissão á Austria para proceder a medidas extremas contra a Serbia, sem interferencia de outra qualquer potencia, ainda mesmo, que, como era inevitavel, a humilhação da Serbia destruísse o status dos estados Balkanicos e até ameaçasse o equilibrio de poder europeo.

É superfluo tomar tempo em convencer qualquer homem razoavel que o ultimatum austriaco á Serbia foi brutal em theor e desarrazoado nas suas exigencias. Seria difficil encontrar na historia um documento mais offensivo e a sua iniquidade foi mais evidente pelo curto prazo dado para se penitenciar que foi dado tanto á Serbia como á Europa. Á Serbia dava quarenta e oito horas para responder se ia comprometter a sua soberania e virtualmente admittir a sua cumplicidade em um crime que havia firmemente negado. Como o texto completo do ultimatum chegou só ás chancellarias estrangeiras quasi vinte e quatro horas depois de ter sido fornecido á Serbia, as outras chancellarias tinham um dia escasso para considerar o que se poderia fazer para preservar a paz da Europa antes que essa paz se achasse fatalmente compromettida.†

Nova confirmação de que o ministerio dos negocios estrangeiros allemão tinha previo conhecimento, pelo menos da substancia

* Livro branco inglez No. 2.

† Livro branco inglez No. 5. Livro laranja russo No. 3.

do ultimatum vê-se pelo facto de que no dia em que o ultimatum foi publicado, o chanceller do imperio allemão deu instrucções aos embaixadores allemães em Paris, Londres e S. Petersburgo para avisar os governos inglez, francez e russo que

“os actos bem como as exigencias do governo austro-hungaro não podem deixar de ser consideradas senão como justificados.”*

Como era possivel á Allemanha approvar deste modo as “exigencias” se ella não conhecesse a substancia do ultimatum?

Não vem mencionada a hora em que estas instrucções foram mandadas, não se segue portanto, que estas significativas instrucções fossem necessariamente anteriores á apresentação do ultimatum em Belgrado ás 6 da tarde. Todavia, como o ultimatum não chegou ás outras capitaes da Europa senão no dia seguinte, como se demonstra claramente pela correspondencia diplomatica, parece improvavel que o ministerio dos negocios estrangeiros allemão tivesse mandado este avizo formal e muita cuidadosamente preparado ás outras potencias em 23 de Julho, a menos que não só tivesse conhecimento da tenção da Austria de apresentar o ultimatum mas tambem pelo menos da essencia do mesmo.

Embora possa bem ser que a Allemanha ao dar carta branca á Austria para proceder a seu talante, propositadamente se abstivesse de tomar conhecimento do texto da communicação e desta forma mais tarde poder allegar que não era responsavel pela acção da Austria, o que de resto não attenuaria o caracter indecoroso de toda a transacção, é muito razoavel presumir-se que a entrega do ultimatum da Austria em Belgrado, em conjunção com a prevenção da Allemanha ás potencias, tenham sido resultado de acção concertada, obedecendo a um proposito commum e não creio que tribunal ou jury algum argumentando sobre o caso, baseado nos procedimentos correntes da vida pudesse chegar a outra conclusão.

A communicação do ministerio dos negocios estrangeiros allemão, a que nos referimos por ultimo, previa que a Serbia “recusará cumprir com estas exigencias”—porque motivo, se ellas eram justificadas?—e a Allemanha alvitra á França, Inglaterra e Russia que se em resultado da não annuencia a Austria “tiver que recorrer a medidas militares,” se “lhe deve deixar a escolha de meios.”

Os embaixadores allemães nas tres capitaes receberam instrucções

“para insistir muito especialmente sobre o aspecto da questão cuja solução deve caber, exclusivamente á Austria-Hungaria e á Serbia e que as potencias deveriam vivamente procurar circumscrever aos dois paizes de que se trata,”

* Livro branco Allemão annexo 1 B.

e accrescentou que a Allemanha vivamente desejava
 “que a contenda fosse localizada, visto que, a intervenção de uma outra potencia, devido ás varias obrigações de allianças, acarretaria consequencias impossiveis de medir.”

É este um dos documentos mais significativos de toda a correspondencia. Se a Allemanha estivesse tão ignorante como o seu embaixador em Londres fingia, estar, da politica e ultimatum da Austria e se a Allemanha não estava então instigando e apoiando a Austria nas suas perigosas manobras, porque teria o chanceller allemão fornecido este ameaçador aviso á Inglaterra, França e Russia que a Austria devia ter liberdade de fazer guerra contra a Serbia e que qualquer tentativa de intervenção em favor da nação mais fraca “acarretaria consequencias impossiveis de medir” ?*

Poucos dias depois, o chanceller imperial mandou aos governos confederados da Allemanha uma *communicação confidencial* em que elle reconhecia a possibilidade da Russia considerar como seu dever “tomar as dôres pela Serbia na sua desavença com a Austria-Hungria.” Porqué mais uma vez, se o caso da Austria se achava tão claramente justificado? O chanceller imperial accrescentou que—

“se a Russia se sente constrangida a tomar a parte da Serbia neste conflicto, certamente que tem o direito de o fazer,”

mas accrescentou porém, que se a Russia assim procedesse, effectivamente affrontaria a integridade da monarchia austro-hungara e que portanto a Russia sósinha—

“aguentaria com a responsabilidade de se originar uma guerra europea sobre a questão austro-serbia, que *todas as restantes potencias europeas desejam localizar.*”

¶ Nesta significativa communicação official, o chanceller allemão manifesta o forte interesse que a Allemanha tinha pelo castigo da Serbia pela Austria. Diz elle “*os nossos interesses mais intimos chamam-nos portanto para o lado da Austria-Hungria*” e accrescenta que—

“se contra a espectativa, estas perturbações se alastrarem devido á intervenção da Russia, então, fieis ao nosso dever de alliados, teremos que auxiliar a vizinha monarchia com todas as forças do imperio allemão.”†

OS ESFORÇOS PARA MANTER A PAZ.

Ao chegar á sua conclusão o nosso imaginario tribunal pouco caso faria de simples manifestações de desejos de paz. Uma nação como um individuo, pode disfarçadamente apunhalar a paz de outro, emquanto que vai dizendo “estás de saude meu irmão?” e a propria paz da civilização pode ser trahida por um

* Livro branco allemão, annexo 1 B. † Livro branco allemão, annexo 2.

osculo de Judas. Pretensões de paz pertencem á hypocrisia da diplomacia e sempre foram características da mais bellicosa das nações.

Nenhuma guerra dos tempos modernos tem sido começada sem que o aggressor pretendesse que a sua nação nada mais desejava do que a paz, e invocasse o auxilio divino para sua politica assassina. Paraphraseando as palavras de Lady Teazle em uma occasião notoria quando Joseph Surface fallava muito de “honra,” não seria mau que em taes casos deixasse de fóra o nome de Deus.

Analysemos pois os “dossiers” já preparados e para a devida clareza, e tomemos pela osdem chronologica os acontecimentos que precederam a guerra.

Em seguida ao receber o ultimatum em S. Petersburgo em 24 de Julho, o ministro russo dos negocios estrangeiros, em uma communicação formal á Austria-Hungria, fez ver que o limite de prazo tão curto, “deixa ás potencias um espaço de tempo “absolutamente insufficiente para emprehender quasquer pro-“videncias uteis para solver as complicações que tem surgido” e accrescentou :

“Para evitar as incalculaveis consequencias, desastrosas por igual para todas as potencias, que podem resultar do methodo de acção do governo austro-hungaro, parece-nos indispensavel que sobre tudo o prazo dado á Servia para responder seja prolongado.”

Sazonoff propoz mais que se dêsse tempo para as potencias poderem examinar os resultados do inquerito que o governo austro-hungaro havia feito sobre a questão do assassinato de Serajevo, e declarou que se as potencias estavam convencidas—

“do bem fundado de certas exigencias dos austriacos, encontrar-se-hiam em posição de mandar ao governo serbio conselhos consequentes.”

Elle observa com justiça que—

“uma recusa em alargar os termos do ultimatum estaria em contradicção com as proprias bases das relações internacionaes.*

Qual é o tribunal que poria em duvida a justiça desta opinião? Achava-se em jogo a paz mundial. Bastava apenas tempo para se ver o que se podia fazer para preservar essa paz e satisfazer os agravos da Austria até ao ultimo centimo.

De concurrencia com o appello de Sazonoff, de um pouco mais de tempo para preservar a paz mundial, Sir Edward Grey tinha estado com o embaixador allemão em 24 de Julho e lhe havia suggerido que o unico meio de evitar a catastrophe era—

“que as quatro potencias, Allemanha, França, Italia e nós (Inglaterra) trabalhassem juntas em Vienna e São Petersburgo.”†

* Livro russo laranja, No. 4.

† Livro branco inglez No. 11.

Bastava que a Allemanha desse a entender á Austria que o respeito commum pelas opiniões da humanidade, bem como as cortezias da praxe devidas a grandes potencias amigas, demandava que se concedesse um prazo razoavel, não só á Serbia como ás outras nações, para o bem commum, sobretudo por se estar na estação morta das ferias do verão em que os chefes e homens de estado se achavam quasi todos ausentes das respectivas capitães.

Nestas circumstancias natural foi que a Russia annunciasse em 24 de Julho—

“que qualquer acção empreendida pela Austria para humilhar a Serbia não deixaria a Russia indifferente,”

e que no mesmo dia o encarregado de negocios russo fizesse ver ao ministerio de negocios estrangeiros austriaco—

“que a nota austriaca estava redigida em termos que a tornava impossivel de ser acceite tal como ella estava, e que era não só extraordinaria como peremptoria nos seus termos.”

A isto a unica resposta do ministro de negocios estrangeiros austriaco foi que o seu representante na Serbia—

“tinha instrucções para sahir de Belgrado, a menos que o pedido da Austria fosse acceite integralmente ás 4 horas da tarde do dia de amanhã.”*

A unica concessão então ou subsequentemente feita pela causa da paz foi a segurança que a Austria *depois da sua conquista* da Serbia não exigiria territorio algum.

A acção da Allemanha neste dia, 24 de Julho foi muito significativa. O seu embaixador em Inglaterra transmittiu uma nota a Sir Edward Grey na qual justificava os aggraves e ultimatum da Austria-Hungria dizendo que—

“n'estas circumstancias a norma de proceder e exigencias do governo austro-hungaro não podem deixar de ser consideradas senão equitativas e moderadas.”

A nota accrescentava:—

“O governo imperial (Allemanha) deseja frisar a sua opinião que o caso actual é uma questão apenas para ser tratada exclusivamente entre a Austria-Hungria e a Serbia e que as potencias grandes devem sériamente procurar reserval-a ás duas citadas directamente interessadas.”†

Em 25 de Julho, provavelmente com grande surpresa tanto da Allemanha como da Austria, que definitivamente contavam com a recusa da Serbia em acceitar as exigencias do ultimatum, este paiz por conselho conciliador da Russia, deu uma resposta na qual, com o sacrificio da sua propria dignidade de estado soberano, acceitava substancialmente todas as exigencias da Austria, com excepção de uma e emquanto a essa não a recusava

* Livro branco inglez No. 7.

† Livro branco inglez No. 9.

em termos, mas manifestava a sua boa vontade de a referir á arbitragem ou a uma conferencia das potencias.*

Nenhum tribunal questionaria por um momento a conclusão que a resposta era uma acquiescencia substancial ás exigencias extremas austriacas, nem tão pouco a Austria ou a Allemanha seriamente questionaram que o não fosse. Contentaram-se com lançar duvidas sobre a sinceridade destas affirmativas, chamando ás concessões “fingimentos” e disto basta dizer-se que se a Allemanha e a Austria tivessem accettato a resposta da Serbia como sufficiente e subseqüentemente a Serbia tivesse deixado de cumprir as promessas feitas deste modo com a maxima boa fé, pouca seria a sympathia para com ella e não teria havido guerra geral. O certo é que, tanto a Russia como a Inglaterra empenharam a sua influencia para compellir a Serbia, sendo necessario, a attender plenamente a qualquer exigencia razoavel da Austria. A questão em suspenso, que a Serbia estava de accordo em submeter á arbitragem ou deixar ás potencias, era a participação de funcionarios austriacos nos tribunaes serbios. Não apresentava isto um serio problema. O desejo que a Austria suppunha mostrar de uma investigação imparcial, facilmente se poderia alcançar mediante a nomeação pelas potencias neutraes de uma commissão de juriconsultos para proceder a tal investigação.

Em 24 de Julho Sir Edward Grey pedira tambem ao embaixador allemão para que usasse da sua boa influencia em Vienna para alcançar uma extensão do prazo. A este pedido muitissimo razoavel, não deixou de ser *gauche* a resposta e acção do governo allemão. Consentiu em “fazer seguir” a proposta, mas o secretario de estado allemão dos negocios estrangeiros acrescentou, que como o chefe de gabinete austriaco se achava ausente de Vienna, haveria demora e difficuldade em conseguir a prorogação do prazo e

“admittiu expontaneamente que o governo austro-hungaro desejava dar uma lieção aos serbios e que tinha em projecto recorrer a providencias militares. Admittiu igualmente que o governo serbio não poderia tragar certas exigencias austro-hungaras.”

Elle acrescentou que a Allemanha não queria uma guerra geral e que elle faria tudo o que “estivesse ao seu alcance para evitar semelhante calamidade.”†

Se a Allemanha fez qualquer comunicação á Austria nos interesses da paz, o mundo está ainda por saber qual o texto. Com palavra de Berlim para Vienna teria conseguido o prazo adicional o qual com intenções sinceramente pacificas, poderia ter dado em resultado a manutenção da paz. A Allemanha a julgar do que os dossiers registam, nunca disse essa palavra.

* Livro branco inglez No. 39.

† Livro branco inglez Nos. 11 e 18.

Contraste-se esta attitude com a da Russia, cujo ministro dos negocios estrangeiros na manhã de 25 de Julho se offereceu para

“se conservar de fóra e deixar a questão nas mãos da Inglaterra, França, Allemanha e Italia.”*

Em 25 de Julho Sir Edward Grey propoz que as quatro potencias (incluindo a Allemanha) se unissem

“para redir aos governos austriaco e russo que não atravessassem a fronteira e dessem tempo ás quatro potencias agindo em Vienna e S. Petersburgo, para procurar harmonizar as coisas. Se a Allemanha adoptar este modo de proceder estou perfeitamente seguro que a França e nós procederemos nessa conformidade. A Italia sem duvida com prazer co-operaria.”†

A este razoavel pedido respondeu o chanceller imperial allemão:

“Em primeiro e ultimo logar consideramos que esta questão deve ser localizada pela *abstenção de todas as potencias de intervirem nella*”

mas accrescentou que a Allemanha, se surgisse uma desavença austro-russa,

“cooperaria com as outras potencias para mediar entre a Russia e a Austria.”‡

Esta distincção é muito difficil de se perceber. Procura medir a differença entre um tostão e cinco vintens. A differença entre a Russia e a Austria era sobre a pretensão desta em esmagar a Serbia. A Allemanha não interviria neste caso, mas mediaría entre a Russia e a Austria. Para todos os effeitos practicos não se distinguia uma coisa da outra.

Tudo o que a Allemanha fez em 25 de Julho, pelo que revelam os dossiers foi “fazer seguir” os pedidos de extensão mais de prazo, da Inglaterra e Russia, mas os acontecimentos subsequentes mostram que foram “enviados” sem palavras de recommendação, pois seria crível que a Austria, não desse ouvidos ao pedido da alliada, para mais tempo, se ella o tivesse feito?

O ministro dos negocios estrangeiros austriaco tendo, *disparado* o ultimatum ausentou-se da capital, mas o ministro russo em Vienna conseguiu verbalmente este razoavel pedido ao ministro dos negocios estrangeiros substituto, que simplesmente disse que o apresentaria ao conde Berchtold, *mas que podia prever com segurança uma recusa formal*. Mais tarde nesse dia (Julho 25) a Russia foi avisada definitivamente que não seria concedida prorrogação de tempo.§

Quando é que jamais se viu a paz mundial destroçada sob um pretexto tão futil? Um pequeno prazo, uns dias, mesmo

* Livro branco inglez No. 17.

† Livro branco inglez Nos. 24 e 25.

‡ Livro branco allemão, annexo 13.

§ Livro laranja russo Nos. 11 e 12.

horas que fossem poderiam ter bastado para livrar o mundo dos actuaes horrores, mas não se quiz conceder tal prazo. ESTES RABULAS DIPLOMATICOS IAM PASSAR UMA SENTENÇA COLLOSSAL. É difficil encontrar-se nos annaes da historia maior descortezia para com uma potencia amiga, pois que a Austria não estava em guerra com Russia.

Vencidas em seus esforços para obter uma extensão de prazo, a Inglaterra, França e Russia fizeram novos, esforços para preservar a paz suspendendo temporariamente as providencias militares até se poderem fazer esforços no sentido de conciliação. Sir Edward Grey propoz á Allemanha, França, Russia e Italia que se unissem para pedir á Austria e Serbia que não atravessassem as fronteiras até que nós tivéssemos tido tempo de procurar arranjar as coisas entre ellas, mas o embaixador allemão leu em telegramma a Sir Edward Grey que elle havia recebido do ministerio dos negocios estrangeiros allemão que “uma vez que ella (Austria) havia disparado essa nota (o ultimatum) a Austria não recuaria.”*

Como já se viu, a Allemanha pelo que se pode deprehender dos dossiers, nunca tentou influir a Austria para que fizesse esta ou aquella concessão. A sua attitude ficou manifesta pela declaração do seu embaixador em Pariz ao ministro francez dos negocios estrangeiros, que comquanto desmentisse ter a Allemanha animado o ultimatum da Austria, accrescentara comtudo que a Allemanha approvava o seu modo de ver

“e que certamente uma vez que a seta havia sido disparada a Allemanha não podia deixar-se guiar por nada mais do que o seu dever de alliada.”

E isto parecia ser o fatal sophisma da Allemanha, que os seus deveres para com a civilização eram tão leves que devia apoiar a sua alliada Austria, quer esta tivesse razão ou não. Tal é a sua politica que levou a cabo com fatal consistencia. Supportar a sua alliada quando já em guerra é defensivel, mas supportal-a em tempos de paz em uma exigencia iniqua e politica de brutal descortezia offende a toda a noção de moralidade internacional.

No dia seguinte a Russia propoz á Austria que entrassem em uma troca de vistas particulares, com o fim de uma alteração em commum de algumas das clausulas da nota austriaca de 23 de Julho. *A isto a Austria nem sequer chegou a responder.* O ministro russo communicou esta suggestão ao ministro allemão de negocios estrangeiros e manifestou a esperanza que elle “acharia possibilidade de aconselhar a Vienna acceitar a nossa proposta”; isto porem não estava nos planos da politica allemã, pois que nesse dia o ministro allemão em Paris visitou o ministro francez dos negocios estrangeiros, e em resposta a uma identica suggestão para que Vienna se entendesse com Serbia com o mesmo espirito conciliador que a Serbia

* Livro branco inglez No. 25.

tinha mostrado, o embaixador respondeu que “ não era possível em vista da resolução tomada de não intervir no conflicto austro-serbio.”

No mesmo dia a Inglaterra pediu á França, Italia e Allemanha que se reunissem em Londres em conferencia immediata para a preservação da paz da Europa e a esta sensata proposta, que poderia ter salvo a paz da Europa, o chanceller allemão respondeu com um miseravel subterfugio que “ é impossível levar a nossa alliada a um tribunal europeu sobre as suas differenças com a Serbia,” embora pretendesse “ aceitar em principio ” a politica de mediação.

O aceite pela Allemanha “ em principio ” de uma politica que ella na practica contrariava, faz lembrar as tendencias daquelle estadista de Maine, acatador das leis, que aceitava “ a lei da prohibição do alcohol no Maine, mas não a sua execução.”*

A recusa da Allemanha de que o caso da Serbia fosse submettido ás potencias sequer para sua consideração, torna-se ainda mais sensivel, se nos lembrarmos que o embaixador allemão em Londres dissera a Sir Edward Grey que o secretario d'estado allemão havia dito que

“ havia algumas coisas na nota austriaco que não era de esperar que a Serbia podesse aceitar,”

reconhecendo deste modo que o ultimatum austriaco era, pelo menos em parte, injusto. Sir Edward Grey chamou então a attenção do embaixador allemão para o facto que se a Austria recusasse a reposta conciliatoria da Serbia e marchasse sobre aquelle paiz—

“ quereria dizer que ella estava determinada a esmagar a Serbia a todo o custo, sem se preoccupar com as consequencia que podesse acarretar,”

Elle accrescentou que a resposta serbia—

“ deveria ser tratada pelo menos como base de discussão e pausa,”

e pediu que o governo allemão fizesse sentir isto em Vienna, mas o secretario de estado allemão, em 27 de Julho replicou que semelhante conferencia “ não era practica ” e que “ por assim dizer equivaleria a um tribunal de arbitragem e na sua opinião não se poderia convocar, excepto a pedido da Austria e da Russia.”†

Está perfeitamente claro que isto era apenas uma mera evasiva. A Allemanha já sabia que a Austria não pediria semelhante conferencia e que a Austria ja havia recusado o pedido da Russia para uma prorogação do prazo e até mesmo ja começara com as suas operações militares. A attitude da Allemanha comprehendendo se melhor pela carta do ministro russo em Allemanha ao ministerio dos negocios estrangeiros russo, na

* Livro branco inglez No. 46.

† Livro branco inglez Nos. 43 e 46.

qual elle diz que em 27 de Julho havia visitado o ministerio dos negocios estrangeiros allemão e pedira para—

“fazer sentir em Vienna pela forma mais instante que assentissem a esta linha de conciliação. Jagow respondeu que não podia aconselhar a Austria a acceder.”*

Porque não? A Russia tinha aconselhado a Serbia a ceder e a Serbia tinha accedido a quasi todas as exigencias. Porque não podia o ministerio dos negocios estrangeiros allemão aconselhar Vienna a procurar conciliação se os seus desejos pela paz fossem sinceros?

Antes de ter tido logar esta entrevista, o ministro francez tinha visitado o ministerio allemão dos negocios estrangeiros para o mesmo proposito e insistira sobre a necessidade da suggestão ingleza de que a Inglaterra, Allemanha, Russia e a França immediatamente se movessem em S. Petersburgo e Vienna para o effeito de que a Austria e a Serbia

“se abstivessem de qualquer acto que podesse aggravar a presente situação.”

Por aqui se entendia que emquanto se procedia a novas deliberações não haveria invasão da Serbia pela Austria e nem tão pouco da Austria pela Russia. *A isto o ministro dos negocios estrangeiros allemão se oppoz formalmente.*

No mesmo dia o ministro russo em Vienna teve “uma longa e seria conversa” com o sub-secretario austriaco de negocios estrangeiros. Elle manifestou a esperanza de que—

“se fizesse alguma cousa antes da Serbia ser realmente invadida. O barão Macchio respondeu que isto seria agora difficil, pois já havia tido logar uma escaramuça no Danubio em que os serbios tinham sido os aggressores.”

O embaixador russo disse então que o seu paiz faria tudo quanto fosse possivel para conservar socegados os serbios

“e mesmo para recuar perante uma invasão austriaca para ganhar tempo.”

Elle instou para que o ministro austriaco em S. Petersburgo fosse investido de plenos poderes para continuar as discussões com o ministro russo de negocios estrangeiros—

“que estava muito disposto a aconselhar a Serbia a annuir a tudo que razoavelmente se podesse exigir della como paiz independente.”

A unica resposta a esta razoavel suggestão foi que ella seria submittida ao ministro dos negocios estrangeiros.†

No mesmo dia o ministro allemão em Paris visitou o ministerio dos negocios estrangeiros e vivamente insistiu na “*exclusão de toda a possibilidade de mediação ou de conferencia,*”

* Livro laranja russo No. 33.

† Livro branco inglez No. 56.

e contudo simultaneamente o chanceller imperial allemão estava avisando Londres que elle havia—

“iniciado esforços no sentido da mediação em Vienna, immediatamente na forma desejada por Sir Edward Grey e tinha alem disso transmittido ao ministro dos negocios estrangeiros austriaco os desejos do ministro dos negocios estrangeiros russo de uma conversa directa em Vienna.”

Que hypocrisia! Na defesa formal allemã, o apologista official d'aquelle paiz depois de manifestar a sua convicção—

“que um acto de mediação não poderia tomar em consideração o conflicto austro-serbio que era puramente uma questão austro-hungaro,”

allegava ter a Allemanha transmittido o novo alvitre de Sir Edward Grey a Vienna, pelo qual se instava com a Austria-Hungria a que—

“ou concordasse em aceitar a resposta serbia como sufficiente ou a considerasse como base de novas conversações”;

mas o governo austro-hungaro desempenhando a papel do socio perverso da combinação, “plenamente apreciando a nossa actividade mediatoria” (como diz o livro branco allemão com sarcastico espirito), respondeu a esta proposta que vindo, como vinha, depois de rotas as hostilidades, “*chegava já tarde de mais.*”

Qual é a pessoa dotada de um pouco de senso commum que acreditará por um momento que seja, que se a Allemanha tivesse feito mais alguma coisa do que simplesmente transmittir estas prudentes e pacificas suggestões, a Austria deixaria de ter comprazido com as suggestões da sua poderosa alliada ou sustado as suas operações militares se a Allemanha tivesse manifestado desejos disso? No dia seguinte, 28 de Julho, a porta ainda mais fechada ficou a qualquer possibilidade de transigencia, quando o ministro austriaco de negocios estrangeiros—

“disse, socegada, mas firmemente, *que não podia ser accete nenhuma discussão sobre a base da nota serbia*; que a guerra seria declarada hoje e que o bem conhecido caracter pacifista do imperador, podiam ser accites como garantia que a guerra era tão justa como inevitavel e que esta questão tinha de ser ventilada directamente entre as duas partes immediatamente interessadas.”

A esta arrogante e desarrazoada contestação que a Europa devia aceitar a garantia do ministro dos negocios estrangeiros austriaco quanto á justiça da desavença austriaca, o embaixador britannico lembrou “o maior aspecto da questão,” a saber a paz da Europa e a este “maior aspecto,” que teria

dado a qualquer funciuario razoaval motivo para hesitar, o ministro dos negocios estrangeiros replicou que elle—

“tambem o tinha em mente, mas lhe parecia que a Russia não devia oppor-se a operações como aquellas que se achavam pendentés, que, não visavam a engrandecimento territorial e que não podiam mais ser adiadas.”*

As conversas particulares entre a Russia e a Austria tendo fallhado desta forma, a Russia voltou á proposta de uma conferencia Europea para preservar a paz. O seu embaixador em Vienna, em 28 de Julho teve uma conferencia com Berchtold e fez-che ver os perigos para a paz da Europa e a conveniencia de boas relações entre a Austria-Hungria e a Russia.

A isto o conde Berchtold respondeu que comprehendia perfeitamente quanto era seria a situação e as vantagens de uma explicação com o gabinete em S. Petersburgo.

“Disse-me elle que por outro lado, o governo austro-hungaro que só com muita reluctancia havia decidido adoptar as medidas energicas que tomara contra a Serbia, não podia agora retirar nem entrar em qualquer discussão sobre os termos da nota austro-hungara.”†

No mesmo dia, 28 de Julho, o chanceller imperial allemão mandou chamar o embaixadar inglez e desculpou-se por deixar de acceitar a proposta da conferencia dos paizes neutraes, sob o pretexto que lhe parecia que não seria effizaz,

“porque semelhante conferencia no seu entender, teria a apparencia de um “areopago” consistindo de duas potencias de cada grupo em julgamento das duas restantes potencias.”

Depois de entrar neste miseravel e insincero subterfugio e quando lembrado da resposta conciliatoria da Serbia que chega quasi a ser uma entrega a discreção,

“sua Excellencia disse qua não desejava discutir a nota serbia, mas sim o locus standi da Austria e neste ponto elle convinha em que a sua desavença com a Serbia era puramente um negocio austriaco, com o qual a Russia nada tinha que ver.”‡

A MOBILIZAÇÃO DAS NAÇÕES.

Nestas alturas os chefes de estado intervieram na discussão. O Kaiser tendo regressado da Noruega telegraphou ao Czar em data de 28 de Julho, que elle estava—

“empregando toda a minha influencia tentando convencer a Austria-Hungria a chegar a um accordo franco e satisfactorio com a Russia,”

e invocava o auxilio do Czar.§

* Livro branco inglez No. 62.

† Livro laranja russo No. 45.

‡ Livro branco inglez No. 71.

§ Livro branco allemão, annexo 20.

Se o Kaiser era sincero e pode ser que o fosse, a sua attitude não era a do seu ministerio dos negocios estrangeiros. Á face da documentação só temos as suas palavras de que elle estava fazendo todo o possivel para a preservação da paz, mas as providencias que elle tomou ou as communações que elle fez para influenciar a Austria não se encontram na defeza formal que o governo allemão lançou ao mundo. O Kaiser só poderá convencer o mundo da sua innocencia no crime da sua camarilha de Potsdam dando publicidade ao texto de todo o conselho que elle tenha dado aos funcionarios austriacos. Elle apresentou os seus telegrammas ao Czar. Onde estão os que é de presumir ella deva ter mandado a Francisco José ou ao conde Berchtold? Onde estão as instruções que elle deu aos seus embaixadores ou ministro dos negocios estrangeiros?

É significativo que no mesmo dia Sazonoff tivesse telegraphado ao Conde Beckendorf:

“Minhas conversas com o embaixador allemão confirmam a minha impressão que a Allemanha é bastante sympathica á attitude irreconciliavel adoptada pela Austria,”

e accrescenta (e a historia o justificará no final), que

“o gabinete de Berlim, que poderia ter sustado todo o desenvolvimento desta crise, parece não exercer acção alguma na sua alliada.”*

Em 29 de Julho, Sir Edward Goschen telegraphou a Sir Edward Grey que nessa noite havia estado com o chanceller allemão, o qual “acabara de regressar de Potsdam,” onde é de presumir que tivesse visto o Kaiser. O chanceller allemão mostrou então claramente de que lado estava o vento, ao fazer a suggestão a Sir Edward Goschen de que se a Inglaterra se conservasse neutral, a Allemanha se comprometia a não conquistar territorio algum francez. Ao perguntar-lhe acerca de colonias francezas, não deu essa segurança.†

Mais tarde durante o dia, o chanceller allemão esteve novamente com o embaixador inglez e manifestou o seu pezar—

“pelos acontecimentos terem caminhado demasiado rapidos e que portanto era já tarde demais para se fazer obra pela vossa (de Sir Edward Grey) suggestão para que a resposta serbia podesse servir de base de discussão.”‡

No mesmo dia o embaixador de Allemanha em S. Petersburgo visitou Sazonoff e manifestou-se em favor de novas explicações entre Vienna e S. Petersburgo, ao que Sazonoff assentiu.§ No mesmo dia Sir Edward Grey pediu ao governo allemão—

“que suggerisse qualquer forma de proceder sob a qual a idea da mediação entre a Austria e a Russ'a, já accete em principio pelo governo allemão podesse ter applicação.”

* Livro laranja russo No. 43.

† Livro branco inglez No. 85.

‡ Livro branco inglez No. 75.

§ Livro laranja russo No. 49.

A isto o ministerio dos negocios estrangeiros allemão respondeu que não podia agir com receio que fazendo qualquer suggestão á sua alliada parecida com pressão, “*podesse levar (a Austria) a precipitar as coisas e apresentar um fait accompli.*”*

Foi este o ultimo e peor dos subterfugios empregados para ganhar tempo emquanto a Austria estava avançando na direcção de Belgrado. Presuppõe que a Austria poderia não só deixar de respeitar o desejo em materia de interesse commum da sua mais poderosa alliada, mas que tambem poderia proceder sem attenção pelos desejos da Allemanha. Isto é forçar a credulidade humana até ao ponto de ruptura. Teria conseguido o secretario allema de estado suster o riso ao dizer tal ironia? Poderá ser o dever de um diplomata mentir quando preciso, será porem jamais necessario dizer uma falsidade tão estúpida? O secretario de estado allemão accrescentou ironicamente no decurso da conversa que não estava bem certo se o esforço para a paz não teria apressado a declaração da guerra, como se a declaração de guerra contra a Serbia não tivesse sido planejada e esperada desde o principio.

Como esforço final para oppor a subterfugios, o embaixador britannico em Berlim lembrou que depois da Austria ter satisfeito seu prestigio militar, seria então o momento asado para as quatro protencias desinteressadas discutirem a situação e apresentarem suggestões para evitar complicações mais graves.

A esta proposta o secretario allemão de estado aparentemente acquiesceu, mas como de costume *nada absolutamente se fez.*† É facto que em 29 de Julho a Sir Edward Grey foi asseverado pelo embaixador allemão que o ministerio de negocios estrangeiros allemão estava

“tentando fazer com que Vienna explicasse por forma satisfactoria em S. Petersburgo o fim e extensão dos movimentos austriacos na Serbia,”

mas ainda desta vez as communicações que o ministerio dos negocios estrangeiros allemão mandou a Vienna sobre este ponto *jamais foram dados á publicidade.*‡

Na mesma conferencia Sir Edward Grey

“instou para que o *governo allemão suggerisse algum methodo* pelo qual a influencia das quatro potencias se podesse usar conjunctamente para evitar a guerra entre a Austria e a Russia. A França concordou, e a Italia concordou. Toda a idea de mediação ou influencia mediadora estava prompta para ser posta em operação por *qualquer methodo*

* Veja-se a carta de Sir Edward Goschen a Sir Edward Grey em 29 de Julho, Livro branco inglez, No. 70.

† Livro branco inglez, No. 76.

‡ Livro branco inglez, No. 84.

que a Allemanha *podesse alvitrar*, se a minha não fosse accetivel. De facto, a mediação estava prompta para ser posta em operação por qualquer methodo que a Allemanha julgasse possivel, se apenas a Allemanha "carregasse no botão" nos interesses da paz.*

A difficuldade comtudo, era, que a Allemanha nunca "carregara o botão," apesar de obviamente lhe poder ter sido facil de fazel o como membro mais forte e de mais influencia da dupla alliança.

No mesmo dia o governo austriaco deixou um memorandum para Sir Edward Grey no sentido do conde Mensdorff haver dito que a guerra com a Serbia devia proseguir.

Na noite de 29 de Julho o embaixador britannico em Berlim foi informado que o ministerio dos negocios estrangeiros allemão "*ainda não tinha tido tempo de mandar uma resposta,*" á proposta que a Allemanha suggerisse a forma de mediação, mas que a questão tinha sido referida ao governo austro-hungáro com um pedido "quanto ao que é que lhe satisfassa."†

No dia seguinte o embaixador allemão informou Sir Edward Grey que o governo allemão tentaria influir a Austria depois de tomar Belgrado e territorio serbio na região da fronteira, a prometter não avançar mais longe, emquanto que as potencias procuravam arranjar que a Serbia desse satisfação sufficiente para pacificar a Austria, mas se a Allemanha chegou a exercer, qualquer pressão em Vienna, *nunca foi dada evidencia della a publicidade*. Certamente não foi muito effcaz e pelas razões mecionadas é impossivel concluir que o conselho da Allemanha sendo de boa fe, não tivesse sido seguido pela sua alliada mais fraca.

Por tudo quanto consta dos dossiers, a Austria não deu resposta alguma a esta suggestão bem conciliatoria da Inglaterra, mas entretranto, o irrequieto Kaiser tornou a crise mais aguda em a seu telegramma ao Czar de que a mobilização da Russia para fazer face á mobilização da Austria estava affectando a sua posição de mediador, ao que o Czar deu uma resposta conciliadora, dizendo que a mobilização russa apenas era para defeza contra a Austria.

Que mais podia fazer a Russia? Se a Austria continuava a mobilizar, porque não a Russia?

Neste dia, 30 de Julho o embaixador allemão teve duas entrevistas com Sazonoff em S. Petersburgo, e foi então que Sazonoff aventou a seguinte formula como base para paz:

"Se a Austria, reconhecendo que o seu conflicto com a Serbia assumiu o caracter de questão de interesses europeus, se declara prompta a eliminar do seu ultimatum os pontos que violam o principio da soberania da Serbia, *a Russia se compromette a suspender todas as preparações militares.*"‡

* Livro branco inglez, No. 84. † Livro branco inglez, No. 107.

‡ Livro laranja russo, No. 60.

Nesta altura o rei Jorge telegraphou a o principe Henrique da Prussia que—

“o governo inglez estava fazendo tudo quanto possivel, suggerindo á Russia e França que suspendessem novas preparações militares se a Austria consentisse em ficar satisfeita com a occupação de Belgrado e territorio adjacente serbio como penhor para a solução satisfactoria das suas exigencias e entretanto as outras potencias suspenderiam as suas preparações bellicas.”

O rei accrescenta a esperanza que o Kaiser—

“use de sua grande influencia para induzir a Austria a aceitar esta proposta, provando assim que a Allemanha e a Inglaterra estão trabalhando de commum accordo para evitar o que seria uma catastrophe internacional.”*

Esta ultima proposta, comtudo, nunca foi accete ou declinada, pois o impetuoso Kaiser deu o seu ultimatum de doze horas á Russia para desmobilizar e era esta uma exigencia arrogante que nenhuma potencia que se presa, muito menos a Russia, poderia aceitar.

Em quanto este pedido seguia seu curso Sir Edward Grey estava fazendo a sua ultima tentativa para se manter a paz pedindo á Allemanha que sondasse Vienna, assim como elle sondaria S. Petersburgo, se seria possivel ás quatro potencias offercer á Austria que ellas

“se compromettiam a cuidar em que ella obtivesse plena satisfacção de seus pedidos á Serbia, comtando que não attentassem contra a soberania serbia e a integridade do territorio serbio.”

Sir Edward Grey chegou mesmo a dizer ao embaixador allemão que se isto não fosse satisfactorio e se a Allemanha fizesse qualquer proposta razoavel para a manutenção da paz que a Russia e França a rejeitassem,

“o governo de sua Magestade nada teria com as consequencias,”

evidentemente significando neutralidade ou intervenção de facto em nome da Allemanha ou Austria.

No mesmo dia o embaixador britannico em Berlim visitou o ministerio de negocios estrangeiros allemão para que—

“fizesse pressão sobre as authoridades em Vienna para alguma coisa fazer a bem dos interesses geraes e assim tranquilisar a Russia bem como para se mostrarem dispostas a continuar as discussões sobre uma base amigavel.”

E. Sir Edward Goschen relata que o ministro dos negocios estrangeiros allemão replicara que na noite passada elle havia

“pedido á Austria para responder a vossa ultima proposta, mas que havia recebido uma resposta no sentido de

* Segundo livro branco allemão.

que o ministro dos negocios estrangeiros austriaco saberia esta manha quaes os desejos do imperador sobre o assumpto."

Mais um texto, o da carta em que a Allemanha "pediu" á Austria para ser conciliatoria e que não consta dos dossiers.

A desculpa da Allemanha que a mobilização da Russia a compellia a mobilizar não justifica a guerra. A mobilização não significa necessariamente aggressão, mas simplesmente preparativo. Se a Russia tinha o direito de mobilizar porque a Austria mobilizava, a Allemanha tinha igualmente o direito de mobilizar quando a Russia mobilizasse, mas não se segue que uma ou outra destas potencias podesse justificar uma guerra para compellir as outras partes a desmobilizar. A mobilização é apenas um preparativo contra eventualidades. É o direito de um estado soberano e por codigo algum de ethica um *casus belli*. O pedido da Allemanha para a Russia se não armar para se defender, quando a Austria se estava preparando para um possivel ataque sobre a Russia, encontra poucos, se alguns parallelos na historia como impertinencia fanfarrona. Tratava a Russia como um inferior, quasi como um estado vassalo.

Este passo impetuoso da Allemanha para compellir o seu grande visinho a desistir de operações militares de defeza, veiu muito inoportunamente, pois em 1 de Agosto o embaixador austro-hungaro *pela primeira vez* declarou ao governo russo que se achava disposto a discutir os termos do ultimatum austriaco á Serbia e foi então suggerido que a forma do ultimatum e as questões procedentes do mesmo seriam discutidas em Londres (despacho do ministro britannico em Vienna a Sir Edward Grey, datado de 1 de Setembro. 1914) Sir Edward Grey immediatamente avisou o embaixador inglez em Berlim do facto e lembrou com instancia que era ainda possivel manter a paz

"se ao menos se poder conseguir alguma folga de tempo antes que alguma grande potencia comece a guerra,"

mas o Kaiser tendo mandado o arrogante ultimatum á Russia para desmobilizar em dozer horas, tinha avançado demais para recuar e esporeado pelo arrogante partido militar de Potsdam soltou "os cães da guerra."

A SENTENÇA.

São estes os factos demonstrados pela documentação e sobre elles, na minha opinião, um tribunal imparcial não hesitaria em passar a seguinte sentença:—

1. *Que a Allemanha e a Austria em tempo de profunda paz se haviam concertado em segredo para impor a sua vontade sobre a Europa e a Serbia em um assumpto que affectava o equilibrio do poder na Europa. Se ao assim proceder tencionassem precipitar uma guerra europea para*

determinar o dominio da Europa, não está satisfactoriamente estabelecido, se bem que toda a sua conducta suggere esta possibilidade. Ellas tornaram a guerra quasi inevitavel (a) por terem emittido um ultimatum que era brutalmente fóra da razão e desproporcional para qualquer agravo que a Austria tinha e (b) por ter dado á Serbia e Europa tempo insufficiente para tomar em consideração os direitos e obrigações de todas as nações interessadas.

2. Que a Allemanha teve durante todo o tempo, poder para compellir a Austria a seguir um caminho razoavel e conciliador, mas jamais exerceu efficazmente essa influencia. Pelo contrario certamente, foi cúmplice e provavelmente instigou a Austria a seguir o seu desatinado caminho.

3. Que a Inglaterra, a França a Italia e a Russia em todo o tempo trabalharam sinceramente pela paz, e para este fim não só fecharam os olhos ao mau procedimento anterior da Austria mas ainda fizeram toda a concessão razoavel na a esperanca de manter a paz.

4. Que a Austria tendo mobilizado o seu exercito, a Russia tinha toda a razão em mobilizar as saus forças. Semelhante acto de mobilização era o direito de qualquer estado soberano e comtanto que os exercitos russos não transpuzessem a fronteira ou practicassem qualquer acto aggressivo nenhuma outra nação tinha direito legitimo de se queixar, pois cada uma tinha o mesmo direito de fazer semelhante preparativos.

5. Que a Allemanha haira precipitada a guerra ao declarar abruptamente guerra contra a Russia por ter deixado de desmobilizar, quando as outras potencias se tinham offerecido a fazer qualquer concessão razoavel e se estava ainda procedendo a pourparlers de paz.

RESUMINDO.

O escriptor deste artigo chegou a estas conclusões com reluctancia, por ter um sentimento de profunda affeição pelo povo allemão, bem como admiração pelos seus ideaes e inexcedivel progresso. Mais ainda, admira a magnifica coragem com que a nação allemã, atacada de todos os lados por poderosos adversarios, se acha agora defendendo o seu prestigio como nação. A dedicação unanima desta grande nação á sua bandeira é digna das melhores tradições da raça teutonica. Comtudo, isto não pode alterar a verdade ethica que se acha de fora de quaes quer considerações de nacionalidade, nem pode affectar a conclusão de que a Allemanha foi lancada neste abysmo pelas machinações de homens de estado seus e seu Kaiser todo cheio de si proprio e altamente nevrotico que no seculo vinte sinceramente

crê ser o representante de Deus Todo Poderoso na terra e portanto infallivel.

Ao proceder a passar sentença o supremo tribunal de civilização deveria portanto distinguir entre a casta militar, chefiada pelo Kaiser o e Principe Herdeiro da corôa que precipitaram esta grande calamidade, e o povo allemão.

O mesmo sigillo de conspiração contra a paz do mundo e a omissão da revelação ao povo allemão das communicações diplomaticas citadas até aqui, suggerem vivamente que esta detestavel guerra não é só um crime contra a civilização, *mas tambem contra o illudido e mal guiado povo allemão.* Elle vê longe e é essencialmente progressivo e pacifista nos seus caracteristicos nacionaes, emquanto que os ideaes da sua casta militar são os da idade media.

Um dia o povo allemão conhecerá a verdade por inteiro e então haverá um terrivel ajuste de contas para aquelles que mergulharam uma nobre e pacifica nação no abysmo do desastre :—

The mills of God grind slowly,
 But they grind exceeding small,
 With patience He stands watching,
 With exactness grinds He all.
